

RESPOSTAS ESPERADAS – LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS

QUESTÃO 1

a)

Para o autor, a morte precoce de Euclides da Cunha foi um alívio para a elite republicana, os “césares”. A esse posicionamento se contrapõe um outro, marcado pela presença do conectivo “porém”, que afirma que a história não deixa que a voz de Euclides da Cunha se cale.

b)

O lema “Ordem e Progresso”, segundo Sevcenko, é colocado em questão por Euclides da Cunha. Para Euclides, que defendia a educação das massas e denunciava o ambiente republicano, o lema é uma mistificação republicana porque a “ordem” remete à exclusão das camadas subalternas da população, e o “progresso” está comprometido com o legado do passado: as mazelas deixadas pelo latifúndio, pela escravidão e pela exploração predatória da terra e do povo.

QUESTÃO 2

a)

A estrutura proverbial está presente no verso “Quem acumula muita informação perde o condão de adivinhar: divinare”. Como em um provérbio, esse verso, entre outras características, traz um ensinamento (que pode ser uma advertência), explora a sonoridade das palavras e utiliza o pronome relativo sem antecedente (“Quem acumula... perde”).

b)

O neologismo verbal “divinam” provém do latim “divinare”, que significa adivinhar, descobrir, atribuindo ao sabiá uma sabedoria divina, uma vez que o neologismo remete ao adjetivo divino. Esse jogo de palavras criado pelo poeta (adivinhar, divinam, divinare) aponta um limite para os poderes da ciência.

QUESTÃO 3

a)

Para o autor, a prosa, como o futebol, pode ser “burocrática e anódina”, com regras rígidas e desnecessárias. A poesia, por sua vez, também pode ser simples “firula retórica sem nervo e sem alvo”, isto é, uma ação que não alcança um objetivo.

b)

O autor compara o futebol a uma “língua geral” por ser um esporte que faz uso de diversas formas de narrar, de diversas sintaxes, e é capaz de absorver e expressar culturas diversas nessa espécie de língua de todos.

QUESTÃO 4

a)

O que garante ao protagonista a sua “hora e vez” não é a reza e o trabalho, portanto, os valores pacíficos, mas a sua coragem de enfrentar o grupo de Joãozinho Bem-Bem em defesa daqueles que eram oprimidos pelo bando, mesmo que para tanto tivesse de renunciar ao seu bem estar, aos seus interesses pessoais e até à própria vida. Apesar de ganhar a simpatia de Joãozinho Bem-Bem e de poder se beneficiar de sua amizade e admiração, ainda assim resolve enfrentá-lo, em nome da justiça e da defesa dos mais fracos.

b)

Na primeira vez em que encontra o grupo de Joãozinho Bem-Bem o personagem Nhô Augusto consegue o respeito do bando e principalmente a admiração de seu líder, o personagem Joãozinho Bem-Bem, que era temido na região por sua violência. Nhô Augusto é convidado a integrar o bando de Joazinho Bem-Bem, mas não aceita; e tem a oportunidade de pedir-lhe que realizasse, por ele, a vingança contra o Major Consilva, mas não o faz. No segundo momento em que encontra o bando, Nhô Augusto presencia a violência praticada pelo grupo, e, apesar de contar com a simpatia e o respeito de seu líder, Joazinho Bem-Bem, não se furta a lutar contra ele em nome da justiça e da defesa do povo oprimido pelo bando. De um personagem que havia se tornado pacato, praticante da reza e apegado ao trabalho, vemos ressurgir nele as forças do homem violento

RESPOSTAS ESPERADAS – LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS

(Matraga), mas, agora, a violência aparece canalizada para um fim justo, garantindo, na sua “hora e vez”, recuperar o sentido de sua vida, o que lhe confere certa paz e felicidade no momento de sua morte.

QUESTÃO 5

a)

Trata-se da oposição entre Babilônia e Sião. Se a primeira representa alegoricamente o mal, ao evocar a situação de exílio e privação do eu lírico, e também por tudo que simboliza na tradição judaico-cristã (como, por exemplo, a tirania, o amor impuro, os desenganos e a vida errática), Sião encarna as ideias de liberdade, verdade e amor puro. Babilônia é o local do desconcerto do mundo, ao passo que Sião indica a pátria verdadeira, local da justa proporção e da possível harmonia entre os valores espirituais do eu lírico e a sua realidade social e material.

b)

No primeiro terceto, a expressão “neste labirinto” apanha um dos traços fundamentais da noção de desconcerto, a saber, o deslocamento errático do eu lírico em um mundo marcado pela cobiça e pela vileza, em suma, pelo pecado. No segundo terceto, a expressão “neste escuro caos de confusão” sugere as ideias de desordem e desorientação desse eu lírico. Tais expressões do desconcerto são as antíteses das ideias de proporção, equilíbrio e beleza, que compõem o campo semântico do conceito de concerto, encarnado na forma lógica e rigorosa do soneto e na própria visão de mundo do homem renascentista.

QUESTÃO 6

a)

A narrativa do romance de Garret tem como pano de fundo a guerra civil portuguesa da primeira metade do século dezenove, envolvendo os absolutistas e os liberais (constitucionalistas). A referência às três estradas, de certo modo, simboliza a crítica dupla tanto à situação de atraso do Portugal monárquico quanto ao caráter um tanto quanto retórico e pouco efetivo do progresso propugnado pelos liberais. Nesse sentido é que, em Portugal, as estradas do progresso tão aventadas nos discursos dos liberais/progressistas só se fazem mesmo em forma de retórica, por isso a referência às estradas de papel. As que seriam representativas do progresso da modernidade, as de metal (que simbolizam o processo de industrialização capitaneado pela máquina a vapor), estas o narrador diz não acreditar ver em Portugal. O que haveria seria apenas o discurso sobre elas, as estradas de metal estariam e ficariam apenas no papel. O que haveria, portanto, de concreto, apesar de poucas e insuficientes, seriam apenas as estradas de pedra, representativas ainda de um Portugal arcaico, ligado à monarquia, o Portugal das charretes e carruagens.

b)

O personagem que centraliza tal crítica, no caso, é Carlos; inicialmente caracterizado como um personagem idealista, jovem e apaixonado, em busca da realização de um ideal de transformação para o seu país, é, ao final da narrativa, caracterizado como absorvido pelas conveniências do capitalismo, uma vez que se torna barão. O fracasso de Carlos, portanto, representa, em grande parte, o próprio fracasso de transformação positiva de um país que recém saía de uma guerra civil, transformação cuja motivação inicial confrontava a ideia de atraso da monarquia ao progresso dos liberais.